Apresentação

Lorelai Kury (org.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

KURY, L., org. Apresentação. In: *Iluminismo e Império no Brasil: O Patriota (1813-1814)* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. História e saúde collection, pp. 9-13. ISBN: 978-85-7541-603-7. Available from: doi: [10.7476/9788575416037.001](https://doi.org/10.7476/9788575416037.001). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/8327j/epub/kury-9788575416037.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APRESENTAÇÃO

O jornal *O Patriota* veio a público em 1813 e 1814 por meio da Impressão Régia, instalada no Rio de Janeiro em 1808. Seu editor, Manuel Ferreira de Araújo Guimarães (1778-1838), era, na época, o responsável pela *Gazeta do Rio de Janeiro*, espécie de órgão oficial do governo. *O Patriota* foi o primeiro jornal brasileiro a publicar artigos densos e analíticos sobre ciência e artes, cultura e letras. A gazeta *Idade d'Ouro do Brasil* (1811-1823), baiana, que é anterior, chega a abordar assuntos científicos, mas tinha como objetivo, além de matérias gerais, ser informativo quanto aos fatos e novidades que mais afetavam o cotidiano da capital baiana. Assim, o jornal que aqui publicamos na íntegra, em meio digital, foi uma empreitada inovadora. Apesar de ter durado apenas dois anos, houve três subscrições do jornal: duas para o ano de 1813 e uma para 1814. Ao todo foram publicados 18 números, 12 mensais, em 1813, e seis bimestrais em 1814. A leitura do periódico permite a apreensão de um conjunto de temas e questões que constituíram as Luzes imperiais no Brasil.

As novas tecnologias de reprodução de imagens e textos permitem que os pesquisadores, sem sair de casa, leiam com vagar as muitas páginas de *O Patriota*. Na Biblioteca Nacional, os rolos de microfilmes do periódico tinham que ser refeitos regularmente devido às sucessivas consultas, que acabavam por arranhar a película. Sem acesso à obra impressa, muitos de nós nunca chegaram a ter uma visão completa de todos os fascículos, pois, ao tentar evitar as infernais máquinas leitoras, alguns acabavam buscando apenas os artigos estritamente relacionados a seu tema de trabalho. Bastante raro, cheguei a consultar outro exemplar completo e em excelente estado de conservação da biblioteca de José e Guita Mindlin. A reprodução integral de *O Patriota* em CD-ROM dá sobrevida ao jornal editado por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães. Em 1978, José Honório Rodrigues havia coordenado a confecção de um índice, onomástico e temático, de *O Patriota*, realizado por Diana Zaidman. A esse instrumento de pesquisa acrescenta-se agora a possibilidade de encontrar por meio do *software* palavras e expressões que não constem do referido

índice, com a peculiaridade, entretanto, de a busca ser feita por imagens. Assim, se a palavra tiver sido impressa com algum erro ou estiver apagada, não será encontrada.

Recentemente, a reedição de periódicos importantes tem se tornado mais frequente. Por exemplo, a Biblioteca Nacional lançou em 2005 uma edição fac-similar do *Revérbero Constitucional Fluminense*, em três volumes. Além disso, está no prelo uma edição crítica do *Sentinela da Liberdade*, de Cipriano Barata, realizada por Marco Morel. Mais afim ao nosso tema, Alberto Dines e Isabel Lustosa organizaram, em 2002, a publicação em papel e na íntegra do *Correio Braziliense*, de Hipólito da Costa. Ao jornal foi acrescentado um volume bastante completo de textos analíticos, que abordam aspectos biográficos do autor, as diversas temáticas tratadas pelo periódico e situam o jornalista e a obra na conjuntura política e cultural do período. Outra iniciativa relevante foi o livro *A Primeira Gazeta da Bahia: Idade d'Ouro do Brasil*, de Maria Beatriz Nizza da Silva, reeditado em 2005, que, embora não reproduza integralmente o periódico, descreve amplamente seu conteúdo, inclusive os anúncios, e cita longos extratos dos artigos que a autora julga mais representativos.

Sem a magnitude da edição do *Correio Braziliense* e sem a sistematicidade do quadro histórico traçado para a gazeta baiana, o volume de ensaios e a edição digitalizada de *O Patriota* pretendem se integrar a esse pequeno grupo de jornais e gazetas do início do século XIX, disponíveis para serem lidos e relidos por estudantes e especialistas.

Com o conjunto de textos que apresentamos, temos a intenção de representar campos de pesquisa em desenvolvimento nas universidades e centros de estudos brasileiros e esperamos suscitar o debate, aguçar curiosidades, colocar problemas. Por diversas razões, optamos por preparar um volume enxuto, centrado mais em leituras ‘intensivas’ do jornal do que em pesquisas ‘extensivas’ do contexto de sua publicação. Certamente incompleto, tendo em vista a multiplicidade de temas de *O Patriota*, o panorama traçado pelos ensaístas propõe, no entanto, numerosas vertentes de investigação. No final de cada capítulo indicamos aos leitores pequena bibliografia complementar que ajuda a minimizar as omissões.

Escrever sobre o jornal colocou os autores diante de temas centrais para a história cultural e permitiu vislumbrar a abrangência da tarefa de situar no tempo e no espaço um dos primeiros órgãos formadores de opinião pública no Brasil. Mais do que isso, os ensaios parecem demonstrar que atualmente não se pode escrever sobre o período sem que se reflita sobre o advento do espaço público e da circulação dos textos impressos e sobre seus limites. Desse modo, tanto o ensaio de Tania Bessone, dedicado especificamente ao tema da leitura e da imprensa, quanto o de Marco Morel, que trata da formação de uma República das Letras no Brasil, estabelecem o terreno sobre o qual as demais questões são abordadas.

As discussões que tivemos em torno do conteúdo dos ensaios que escrevíamos e os resultados a que chegamos fazem convergir muitos de nossos argumentos. Logo de início, foi consensual a adoção da denominação “patriotismo imperial” – de acordo com François-Xavier Guerra – para descrever o sentimento identitário dos principais

colaboradores do jornal, que os vinculava a um projeto político específico de superação do Pacto Colonial, o qual previa a união entre as diferentes províncias do Império português. Havia, sim, a idéia de pátria, mas não havia nacionalismo brasileiro. Além disso, “patriota”, no jornal, não porta nenhuma conotação de radicalismo político, como foi o caso na França durante a Revolução. O título do periódico torna-se, desse modo, compreensível sem que se recorra a algum anacronismo interpretativo, como todos os ensaios buscam demonstrar, em particular os textos de Morel e de Bessone.

Sem dúvida, muito ainda pode ser dito a propósito da idéia de pátria na época. Aliás, uma questão importante que apenas aflorou nos ensaios diz respeito ao papel da Bahia em *O Patriota*: a pátria em diversos casos não é o Brasil, como demonstra Sérgio Alcides. Apesar de publicado na Corte, o editor do jornal, Araújo Guimarães, e muitos colaboradores, inclusive Borges de Barros, eram baianos e desta maneira se auto-intitulavam. Ainda está por ser pesquisada em detalhes a oposição entre Rio de Janeiro e Bahia nos meandros políticos do grupo ligado a *O Patriota*.

Na verdade, bastante resta por fazer no campo das relações políticas e de proteção dos principais colaboradores do jornal. Morel afirma, de forma convincente, que se tratava de uma empreitada levada a cabo por pessoas da esfera de influência de d. Rodrigo de Souza Coutinho. Teria sido *O Patriota* uma tentativa de rearticulação do grupo? O que mais a lista de subscritores poderia indicar com respeito aos patronos do jornal? A conjuntura específica, após os acordos de 1810 com a Inglaterra, também deve ser considerada. No ensaio de Morel essas questões são avançadas. Esperamos que outros estudos venham a confirmar tais hipóteses.

O período de publicação do jornal, 1813 e 1814, situa-se, segundo Morel, em uma “época híbrida entre absolutismos e liberalismos”. De fato, muitos dos artigos de *O Patriota* são vistos, no ensaio de Manoel Salgado, como uma das respostas possíveis dos letrados luso-brasileiros ao “terremoto” político que abalava a Europa durante as guerras napoleônicas. Além da palavra “pátria”, a idéia de revolução ajuda a entender o sentido que a história ganha no jornal. Como indica Salgado, as lições da história vão no sentido de estabelecer portos seguros no passado, que dêem estabilidade em um momento de incertezas. Com a chancela do príncipe, *O Patriota* tenta encontrar uma posição política adequada ao cenário europeu, demonizando o “ogro” Bonaparte.

Nessa época híbrida, muitas áreas enevoadas oferecem resistência ao olhar do historiador e se mostram cheias de ambigüidades. Por exemplo, o próprio papel da França é cambiante. Se por um lado a pátria de Voltaire ameaçou a ordem com a Revolução e o expansionismo napoleônico, por outro continuou sendo referência privilegiada para a cultura, a literatura e a ciência, mesmo nos círculos conservadores. O texto que analisa os artigos científicos busca demonstrar a especificidade da ciência napoleônica e a filiação de diversos autores a essa nova configuração dos saberes. Muitos dos que escreveram em *O Patriota* circulavam internacionalmente. Numerosas indicações contidas nos ensaios podem

ajudar a desvendar as instâncias e práticas de sociabilidade dos luso-brasileiros letrados no Brasil e na Europa. Sérgio Alcides estabelece diversas conexões literárias e políticas de Borges de Barros em Portugal e na França. Presença marcante em *O Patriota*, o baiano costumava assinar seus artigos e peças com as abreviações B., B*, B.***, D.B.B. ou B... No ensaio sobre as ciências, busca-se igualmente traçar algumas relações e afinidades do mesmo Barros. Parece claro que uma das referências importantes para os letrados que atuavam na esfera científica e cultural em geral foi o abade Corrêa da Serra. Uma biografia exaustiva desse personagem lançaria luz sobre diversos aspectos dessas relações que desconhecemos. Além disso, as redes de dependência e de influência dos principais redatores do jornal provavelmente se cruzam com a história das lojas maçônicas em Portugal e na Europa.

Um outro tema foi objeto dos ensaístas: a especificidade das Luzes no universo luso-brasileiro. Quanto a isso, somos leitores atentos do texto clássico de Maria Odila Leite da Silva Dias, “Aspectos da Ilustração no Brasil”, de 1968. O iluminismo ‘imperial’ de *O Patriota* é didático e voltado para a experiência brasileira. Assim como as publicações do Arco do Cego, o jornal pretende formar leitores, agricultores, homens de ciência, escritores. Suas páginas dão ênfase ao pragmatismo das letras e das artes, à utilidade. Sem querer virar pelo avesso as crenças estabelecidas, como alguns expoentes das Luzes francesas o fizeram, o periódico fluminense é politicamente conservador. O ensaio sobre ciências se detém, no entanto, em alguns elementos potencialmente transformadores nas discussões de história natural, como é o caso da memória de Arruda da Câmara sobre o algodão, que critica as escrituras e situa o “homem natural” nos trópicos, quem sabe em Pernambuco. De resto, ao longo das páginas do jornal o tom é mais do que moderado. O tema capital da escravidão é tratado de forma técnica e racional. Aliás, o ambiente intelectual do Alto Iluminismo baseia-se justamente na procura da administração esclarecida de homens e mercadorias. Nessa linha de reflexão, caberia no volume que ora publicamos um ensaio dedicado à economia política, novidade da época, bem aceita entre os letrados lusos e americanos.

Na literatura, Sérgio Alcides procura perceber o que há de próprio ao grupo ligado a *O Patriota*. O autor busca descrever os elementos-chave característicos daquele universo estético e estilístico, que intitula de “neoclassicismo imperial”. O “lado B” da poesia é didático e enfatiza mais a instrumentalização da natureza que sua fruição amena. No campo da história, o texto de Manoel Salgado mostra como a especificidade e hibridez de uma época e a legitimação de um ‘lugar’ se manifestam nos artigos do jornal. História aí tem o sentido universalista de história da civilização, e engloba a descrição física e dos costumes dos diversos povos que compõem o Império.

Desse modo, há convergência de muitos argumentos avançados em nossos ensaios. Sem dúvida, partimos de alguns pressupostos comuns, mas vê-se que a categoria ‘iluminismo’, desde que respeitadas as especificidades de tempo e espaço, continua operante. Longe de designar somente um conjunto de idéias, as Luzes englobam, é certo, conceitos, mas também modos de agir.

Assim, os ensaios direcionam as análises para a caracterização de uma época que tem um perfil próprio e não pode ser definida pelo que virá depois. Não se trata outra vez de pré-romantismo e de protonacional. Mais do que a preparação para a Independência, vemos nessa época patriótica o nascimento de um espaço público em terras brasileiras. Comparada ao universo europeu, a esfera pública local é reduzida: poucos leitores, instituições frágeis, sociedades científicas e literárias incipientes. No entanto, a diferença de escala não deve servir de argumento para que se pensem as Luzes daqui como cópia mal acabada do iluminismo europeu. Em primeiro lugar, é importante pensar que existem outras formas de circulação de idéias e outras instâncias de sociabilidade no Brasil, onde o papel da oralidade é central. Em segundo lugar, as Luzes são um fenômeno internacional, que não pode ser pensado sem o mundo colonial e seus críticos, sem a escravidão moderna e seus oponentes, sem a relativização filosófica propiciada pelo conhecimento dos habitantes do Novo Mundo e do Pacífico. Portanto, a transformação profunda da sociedade que se instaura concomitantemente ao advento do ‘capitalismo editorial’, à circulação de textos impressos e ao nascimento da opinião pública diz respeito ao Brasil; as questões levantadas pelos *philosophes* são também questões luso-brasileiras. As Luzes são internacionais e atravessam os espaços nacionais e imperiais.

A organizadora